

**A POÉTICA DO SINCRETISMO: UMA LEITURA SOBRE A  
PRODUÇÃO DO GRUPO SIN DE LITERATURA**

**THE SYNCRETISM POETIC: A READ ABOUT THE GRUPO  
SIN'S WORK**

**Francisca Yorranna da Silva<sup>1</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7718-1979>

**Elizabeth Dias Martins<sup>2</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7817-6749>

Enviado em: 22/10/2024

Aceito em: 12/01/2025

Publicado em: 08/02/2025

---

**Resumo:** Nos anos finais da década de 1960, o cenário literário cearense encontrava-se sob influência do que muitos chamaram de “esvaziamento cultural”, traço comum a todo o país, que desde 1964 vivia um regime ditatorial liderado por militares cuja política alinhava-se aos ideais da extrema direita, de modo que a prática da censura aos movimentos artísticos e culturais acabou contribuindo para essa ausência de sentido predominante nas artes. Diante desse contexto, os poetas Horácio Dídimo, Linhares Filho, Pedro Lyra e Roberto Pontes fundaram o GRUPO SIN de poesia, que trazia consigo a proposta do (sin)cretismo estético e cultural, com o intuito de renovar a literatura no Ceará. Nesse sentido, o trabalho ora proposto pretende contribuir com a fortuna crítica dos autores fundadores do grupo que, posteriormente, agregou outros escritores, a partir da base programática de que na diversidade das manifestações poéticas encontra-se o princípio norteador da criatividade do grupo. Para tanto, far-se-á necessário o diálogo comparatístico entre as duas minisintologias publicadas respectivamente em 1967 e 1968 e outros livros dados a público, de per se pelos poetas, após a dissolução do grupo, a fim de observar a evolução da linguagem de cada um deles. Assim, o aporte fundamentador utilizado é composto pelos teóricos da chamada pós-modernidade como Zigmunt Bauman (2007) e Mário Vargas Llosa (2013); também por Pontes (2006/2022; 2020), Pontes e Martins (2015), que sistematizaram conceitos como *residualidade*, *resíduo*, *crystalização* e *hibridação cultural*; bem como por críticos literários que trouxeram

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Ceará, doutoranda em Letras pelo PPGLetras/ UFC. Mestre em Letras/Literatura Comparada-UFC. [yorrannasilva@gmail.com](mailto:yorrannasilva@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Letras pela PUC-Rio. Pós-Doutorado UERJ/Universidade de Coimbra. [bethdiasufc2@gmail.com](mailto:bethdiasufc2@gmail.com)

contributos à discussão. Por fim, espera-se alcançar o objetivo traçado e esboçar o que seria uma poética sincrética e como ela se desenvolveu no Grupo SIN de Literatura.

**Palavras-Chave:** Poética. Sincretismo. GRUPO SIN. Residualidade.

**Abstract:** In the final years of the 1960s, Ceará's literary scene found itself under the influence of what many called "cultural emptying", common trait all the country, which since 1964 lived a dictatorial regime led by the military and whose policy was aligned with the ideals from the extreme right, so that the practice of censorship to artistic and cultural movements ended up contributing to this absence of meaning predominantly in the arts. In this context, the poets Horácio Dídimo, Linhares Filho, Pedro Lyra and Roberto Pontes created the GRUPO SIN de poetry, which brought in its name the proposal of aesthetic and cultural (sin)cretism, with the aim of renewing to literature in the Ceará. In this sense, the work proposed here intends to contribute to the critical fortune of founding authors of the group, that later added other artists, based on the hypothesis that in the diversity of poetic manifestations lies the guiding principle of the group's production. Therefore, a comparative dialogue between the two mini synantologies published in 1967 and 1968 and other books published individually by the poets after the dissolution of the group will be necessary, in order to observe the evolution of the language of each one of them. Thus, the theoretical contribution used is composed by theorists of the so-called post-modernity as Zigmunt Bauman (2007) and Mário Vargas Llosa (2013); by Pontes (2006), Pontes and Martins (2015), who systematized concepts such as residuality, residue, crystallization and cultural hybridization; as well as by literary critics pertinent to the discussion. Finally, it is expected to reach the goal set and outline what would be a syncretic poetics and how it developed in SIN.

**Keywords:** Poetic. Syncretism. GRUPO SIN. Residuality.

## Introdução

O GRUPO SIN de Literatura surge em meio ao contexto da agitação política e cultural que marcaram os anos de 1960 no Brasil e no mundo. O período do “pós-guerra” assistiu à reconstrução do mundo ocidental que outrora havia sido devastado pela Primeira e a Segunda grandes guerras mundiais, ao mesmo tempo que, a chamada Guerra Fria esquentava as relações políticas e econômicas das grandes potências da época, bem como dos países emergentes. No campo político, as marcas dos regimes totalitários que predominaram na primeira metade do século faziam-se sentir através das ditaduras latino-americanas, inclusive, do Golpe Militar de 1964, que subjogou o Brasil durante vinte e um anos.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

Contraditoriamente ao clima de hostilidade política, tivemos uma grande efervescência cultural. No âmbito social, a pílula anticoncepcional, a invenção da minissaia e o movimento feminista vieram para empoderar as mulheres e revolucionar as estruturas sociais; a indústria cultural cresceu e se consolidou, principalmente, com a chegada da televisão no Brasil; e, a influência norte-americana deu origem a movimentos artísticos como a chamada Jovem Guarda. Para a literatura, essas transformações trouxeram como reflexo o surgimento das grandes editoras e o aumento da literatura de entretenimento: “Por isso, não é de estranhar que a literatura mais representativa de nossa época seja a literatura *light*, leve, ligeira, fácil, uma literatura que sem o menor rubor se propõe, acima de tudo e sobretudo (e quase exclusivamente), divertir” (Vargas Llosa, 2013, p.29-51).

Os acontecimentos acima anunciavam o início da Pós-modernidade, época caracterizada pela fragmentação e diluição dos conceitos mais sólidos:

Numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades em incapacidades [...] Em suma, a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. (Bauman, 2007, p.07-23)

Era da liquidez, a Pós-modernidade ou a “modernidade líquida” coincide com aquilo que em literatura denominamos Pós-modernismo, ou seja, o que vem depois do Modernismo, conceito complexo e polêmico, uma vez que, envolve a problematização do que seria a estética pós-modernista, considerando que ela se insere na literatura como um *continuum* do Modernismo, no qual encontramos as mesmas formas e tendências modernistas, mas agora, afinadas ou retrabalhadas. A respeito disso, Pedro Lyra lançou sua crítica:

Portanto, tornar a palavra “modernismo” de prefixos (pré-, pós-, neo-, anti-) para designar os movimentos anterior e posterior, convergente ou divergente, além de denunciar uma indigência crítica/ histórica/ terminológica, configura uma extrapolação do seu alcance e uma exageração da sua importância, subestimando

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

os dos outros, ao fazê-los girar em torno dele, sem identidade, como meros satélites. (Lyra, 1995, p. 75-76)

Assim, na tentativa de estabelecer um conceito para o Pós-modernismo, muitos críticos o definem por meio da oposição ao que é moderno, sem se darem conta do “quanto essas oposições simples são falsas e desmentidas pela teoria e pela prática dos escritores-críticos modernos.” (Perrone-Moisés, 1998, p.174-215), de modo que, “Os traços apontados como pós-modernos são, assim, ora modernos, ora mais antigos” (Perrone-Moisés, 1998, p.174-215 ).

Deste modo, a literatura pós-modernista, seguindo o exemplo da cultura que a cerca, isto é, o contexto da Pós-Modernidade, pressupõe multiplicidade, fragmentação, desconstrução. Na falta de unidade, encontramos aquilo que a caracteriza, que a define. Livre das amarras de uma poética pura, que delimite um único modo de escrita, a literatura pós-modernista abriga todas as formas possíveis.

### **Acerca das origens do GRUPO SIN**

Inserido neste contexto de pluralidades, o GRUPO SIN de Literatura, representante da geração 60 no Ceará, toma como mote o sincretismo, isto é, os participantes do grupo admitem toda forma de poesia, exceto aquela que a esvazie de sentido: “Isso não significava a balela pós-moderna da “morte do discurso e da grande arte”, mas a da capacidade de organizar um e de realizar a outra” (Lyra, 1995, p.111-112). Sincretismo designa, pois, a “fusão de dois ou mais elementos culturais num só elemento [...] reunião de concepções heterogêneas” (Rocha; Pires, 2001, p.573). Assim, a poesia sincrética é formada pela mistura de duas ou mais formas que dão origem a uma nova.

Resultante dessas misturas, a poesia do GRUPO SIN – a priori formado por Horácio Dídimo, Linhares Filho, Roberto Pontes e Pedro Lyra - preconizou a liberdade poética de seus integrantes, característica notória tanto nos temas abordados, que vão

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

desde questões existenciais às de caráter político-social, que cantam desde fatos cotidianos às conquistas espaciais, tanto quanto nos aspectos formais, os quais apresentam desde formas simples e tradicionais e as que recorrem ao experimentalismo linguístico ou semiótico. Após a formação inicial, o grupo passou a contar também com a presença de Rogério Bessa, Barros Pinho, Barroso Gomes, Inês Figueiredo, Leão Júnior, Lêda Maria, Marly Vasconcelos, Rogério Franklin de Lima e Yêda Estergilda.

A trajetória do SIN iniciou-se em 1967 e “Na ocasião, foram distribuídos e lidos poemas dos participantes que posteriormente foram reunidos numa coletânea intitulada *Minisinantologia* e depois noutro conjunto de poemas publicado com o nome de *Minisinantologia II*.” (Silva, 2017, p. 219). Com a publicação da primeira *Minisinantologia*, fascículo impresso em mimeógrafo que antecede essa espécie de suporte também usado no Sul do país, o grupo anuncia sua atitude vanguardista e torna-se precursor do que caracterizaria a chamada “Poesia Marginal”:

Nesse panorama de razoável homogeneidade, a produção jovem alternativa – como a produção artesanal na literatura, os grupos de teatro independente e imprensa nanica – emerge com uma força surpreendente, procurando brechas possíveis para uma intervenção crítica que trabalha novas formas de produção e de linguagem. A politização das relações no interior do espaço do cotidiano e a valorização das práticas artesanais e cooperativas ou coletivas, em resposta ao padrão técnico e “competente”, bem como ao fechamento político, constituem-se como o eixo da cultura marginal dos anos 70. (Holanda; Pereira, 1982)

Dessa forma, verifica-se a importância do Grupo para o contexto cultural cearense, de modo que, em seguida, veio a público a recolha intitulada *Minisinantologia 2* e, em 1968, os autores movidos pela boa recepção dos folhetos anteriores, publicaram a *Sinantologia*, coletânea com alguns dos poemas já publicados e outros inéditos. Ainda naquele ano, o grupo dissolveu-se devido às divergências ocasionadas pela decisão de declararem-se ou não contra a censura imposta pela ditadura em curso no país, que teve como auge a publicação do AI-5. Destarte:

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

O contexto histórico, no qual nasceu o Grupo SIN de Literatura, no entanto, não era propício à articulação de movimentos políticos, sociais e culturais. Assim, o grupo acabou nascendo e se dissolvendo no mesmo ano. Naquele momento, o Brasil vivia a ditadura militar de 1964 e a censura era exercida com mão-de-ferro. Intelectuais como Alceu Amoroso Lima, Oscar Niermayer, Antonio Candido e Antonio Houaiss posicionaram-se no Sul do País contra o regime ditatorial, por ocasião do episódio da assinatura do histórico “Manifesto dos Intelectuais Contra a Censura”.

O apoio a esse manifesto, bem como as assinaturas de adesão dos integrantes do SIN, foram solicitados por aqueles intelectuais através do teatrólogo B. de Paiva, servindo Roberto Pontes de porta-voz junto ao grupo. Contudo os escritores cearenses se mostraram divididos quanto à adesão que deveria ser prestada à primeira manifestação de intelectuais brasileiros contra a censura, após o golpe militar de 1964. Roberto Pontes foi o primeiro a se propor signatário, porém, não havendo unanimidade, o grupo cindiu-se e se desfez em seu início. (Silva, 2017, p. 220)

Apesar de encerradas as atividades do grupo, boa parte de seus poetas continuaram produzindo. Além disso, as obras publicadas em conjunto seriam suficientes para inseri-los na história literária brasileira porquanto são representativas de toda uma geração marcada pelo sincretismo. Dessa maneira, nelas encontram-se poemas breves, de um lirismo que se espraia nos temas amorosos e existenciais, dos quais, tomamos como exemplo desse “O invulnerável”, de Pedro Lyra; e como exemplo daquele, o “Poema da urgência de amar”, de Linhares Filho. Não obstante, alguns poemas trazem o teor de crítica social expressa através de fina ironia e, muitas vezes, quase em tom de brincadeira, como é o caso de “Os robôs” e “Chapeuzinho”, de Horácio Dídimo, e “Um par de sapatos, que vida não leva!”, de Rogério Bessa. Já em “Clarivalindo” e em “Contracanto”, Roberto Pontes anuncia sua propensão às temáticas épica e metapoética.

Esses temas presentes desde as primeiras manifestações dos poetas serão os mesmos que os acompanharão ao longo de suas obras. Assim, não por acaso, Pedro Lyra em *Sincretismo: A poesia da geração 60: introdução e antologia* (1995), define como vertentes da “Tradição discursiva” a herança lírica, o protesto social, a explosão épica e a convicção metapoética. Tal classificação não se dá ao acaso pois Pedro Lyra, na condição de integrante do GRUPO SIN, assistiu às mudanças ocorridas no contexto

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

político e literário, de modo que, partindo de sua experiência particular para a vivência coletiva, pôde traçar um perfil para a geração 60.

Seguindo os critérios genealógicos e estéticos, Pedro Lyra indica uma possibilidade de compreensão da “Fisionomia Geracional” da geração 60 da poesia brasileira, que, segundo ele, organiza-se sobre o tripé da “Tradição discursiva”, “Semioticismo vanguardista” e “Variante alternativa”, que, por sua vez, subdivide-se em outras categorias que permitem a apreensão do que foi a produção poética da época.

Dentre essas correntes, podemos dizer que a mais importante é a da “Tradição discursiva”, visto que coube a essa vertente reagir ao esvaziamento de sentido proposto pelo Concretismo e por todos aqueles que acreditavam que o discurso poético tinha perdido forças na Pós-modernidade, não havendo mais lugar para a palavra. Foi assim, como movimento de insurreição, que surgiu o GRUPO SIN.

### **A poética do Sincretismo**

Ao nos debruçarmos sobre a obra dos autores cearenses que integraram o GRUPO SIN, percebemos que, desde o início de suas carreiras, eles já manifestavam as tendências que seriam classificadas anos depois por um de seus membros. Outro importante aspecto que destacamos é que a fragmentação ocorrida em várias áreas tem como correspondente as inúmeras possibilidades de formas e motes para se fazer poesia. É a partir deste foco que então analisaremos a poesia do SIN.

Nosso percurso tem início com a tendência predominante entre os autores, a saber: a lírica, fonte de toda poesia e que, mesmo quando a temática não é essencialmente lírica, ela se faz presente. Esta vertente – a da “Herança lírica” – observa Pedro Lyra, pode se manifestar em “múltiplas diretivas”: o lirismo ostensivamente erotizado; o lirismo universalista e de fundo cosmológico/ metafísico; o lirismo de fundo místico; o lirismo de fundo mítico e um lirismo crítico (Lyra, 1995).

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.



Dentre essas perspectivas, as mais sobressalentes na poesia dos autores fundadores do GRUPO SIN são as que trazem por pilar o amor e as indagações metafísicas como tema. Assim, tomamos como ponto de partida “O invulnerável”, de Pedro Lyra, por ser o primeiro poema apresentado na primeira sinantologia:

“Vive!” (disse a matéria) “Oh! Vive: a Vida é o Gozo.  
Já que ao nada emergiste e ao nada imergirás,  
prende as fibras do Ser a tudo que serás,  
e vive: a Vida é tudo; e a morte é um vácuo ascoso.”

“Morre!” (disse o Espectro) “Oh! morre a Morte é a Paz.  
Já que te prende a vida a um bátratro escabroso,  
solta as fibras do ser ao Nada e ao Repouso,  
e morre: a Morte é nada; e a vida é um caos mendaz.”

Mas seguiu... e seguiu, sepultado em si mesmo.  
- A massa bruta não lhe encherá a Ideia imensa  
e a forma vaga não lhe urdirá o Ato forte.

Qual sombra errante, foi; e fez, qual sombra a esmo,  
Do “ser” e do “não-ser” um Ser de Indiferença  
Pelo Gozo da Vida e pela Paz da Morte.  
(Lyra, 1967)

O desfecho do poema nos indica a presença de resíduos<sup>3</sup> dos valores da Antiguidade Clássica expressos nas doutrinas epicuristas e estoicas que pregam a ausência de dor e de prazer, isto é, de tudo aquilo que nos tire do nosso estado de equilíbrio ou nos faça deixar o uso da razão. Tais princípios filosóficos reaparecem na literatura com os poetas árcades ou ainda com Ricardo Reis em pleno Modernismo, e chega à literatura contemporânea através de poetas como Pedro Lyra.

Construído de forma dialética, o poema dá voz à razão, que defende a vida, e à emoção, que anseia la morte, remetendo, por exemplo, ao que foi a vida e a obra de Antero de Quental, ambas divididas em dois momentos: o primeiro, de crença absoluta, e o segundo, de descrença. Nessa última fase, o poeta buscou respostas para

---

<sup>3</sup> Por resíduos entendemos aquilo que resta ou remanesce de uma época para outra e que, dotado de vigor, pode recriar toda uma obra, toda uma cultura. (Pontes, 2006, p.3. 2022, p.19-20)



suas dúvidas existenciais e como não as encontrou em vida, lançou-se para morte num ato filosófico, tornando-se síntese do processo dialético que viveu. No entanto, como o contexto não é mais o século XIX e as preocupações de seu tempo são outras, Pedro Lyra não chega a uma síntese. Eis o seu grau de cristalização, isto é, “o polimento, o brilho novo dado ao material antigo” (Pontes, 2015, p. 114), posto que Lyra deixa em aberto o processo dialético e segue o caminho da indiferença.

Indiferente é o eu-lírico apresentado pelo poeta e indiferentes são também “As doces meninas de outrora” apresentadas por Horácio Dídimo (2002), que “amanheceram/ vestiram vestidos novos/ pintaram as unhas de vermelho/ por um instante resplandeceram”; e que agora “baixaram as cabecinhas louras/ e envelheceram como as flores” (Dídimo, 2002). O poema de Horácio Dídimo presente em *A Palavra e a palavra* reforça a ideia de que todos somos subordinados ao tempo e que a vida deve seguir seu ciclo natural sem que nos cause maiores espantos, pensamento que dialoga, também, com a tradição bíblica através do versículo que vem logo abaixo do poema: “Eis que vos digo, irmãos:/ O tempo é breve”. (I Co.7.29).

Diante dessa constatação, a única coisa constante e imutável, realmente, é a palavra, seja ela sagrada ou não: “ela foi embora/ mas as palavras que ela disse ficaram/ e conversaram muito tempo ainda” (Dídimo, 2002). Os versos de “O banco do jardim” expressam a força da palavra que, uma vez proferida ou escrita, ecoa ao longo do tempo ou como dizem as Sagradas Escrituras: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão” (Mt.24.35).

É por acreditar na força do verbo, que ele se faz carne e se faz verso, que Roberto Pontes (Minisinantologia 2, 1968) proclama “Estou em meu poema/ como os amantes se estão”. Ao comparar o ato de fazer versos com o ato amoroso, no qual amante e amada tornam-se uma só carne, o poeta diz do caráter da poesia, que para aquele que a pratica é o que há de mais intrínseco, a ponto de um e outro serem um só. A afirmação poética retoma ainda a concepção grega da palavra *poiesis* que designava toda e

qualquer forma de criação. O poder de criação da palavra também é reconhecido por Linhares Filho (1968) que no poema intitulado “Momento 6” diz:

Conosco todas as cousas serão chamadas  
e cada uma responderá em nós,  
porque todo minuto de cada espaço  
está fixado no Eterno,  
e há mais que o simples ser em cada cousa.

*Sumos do tempo*, livro no qual o poema se insere está dividido em duas partes: o agora e o sempre, de forma que o poema referido integra a segunda parte, fato muito significativo dado que, pelos versos acima, podemos dizer que a palavra não apenas cria, mas, através da sua criação, ela também tem o poder de eternizar.

‘É minha opinião a de que visando a uma distinção imperecível e tal glória ilustre que fazem tudo ao seu alcance, e tanto mais quanto maior for seu grau de virtude. Estão todos apaixonados pelo imortal. Os que são férteis’, ela disse, ‘no corpo, preferem se voltar para mulheres, expressando seu amor sexual dessa maneira e gerando filhos obtêm imortalidade, memória e felicidade que, como supõem, é para todo o tempo vindouro; outros [diferentemente,] experimentam uma gravidez na alma, pois há os que são ainda mais férteis em suas almas do que em seus corpos, e essa gravidez é com o que cabe a uma alma gerar e dar à luz. E o que lhe cabe gerar e dar à luz? Sabedoria e a virtude em geral, do que são geradores todos os poetas e aqueles artífices classificados como inventivos. (*O banquete*, vv.208d-209a, p.33-107)

Dessa forma, parece-nos legítimo afirmar que, situado no âmbito da criação, o fazer poético torna-se um ato de amor assim como fazer amor é um ato poético, retomando as ideias de Pontes que se confirmam nas palavras a seguir:

Cada poema de Memória Corporal, livro que até no título se tematiza a palavra se fazendo carne, reafirma incessantemente o ato de amor, através de expressivas e reiteradas metáforas, nas quais a poesia e ato de escrever se confundem com o ato de fazer amor, num gesto múltiplo de que participam: a natureza, o amante e o objeto amado. (Helena, 1993, p.173-175)

Desse modo, Linhares Filho (2008) também declara à sua amada: “Contigo me encontrei para, na vida,/ um só plano cumprir de corpo e alma,/ sentindo sempre que és meu poema”. Ora, se o verbo e o verso se encarnam, ninguém melhor para personificar seus poemas do que a mulher amada e, assim sendo, ambas – mulher e poesia – tornam-se uma, despertando no poeta o desejo de se unir a elas: “Desejas uma coisa e só:/ o impossível ser de um em dois” (Pontes, 1982, p. 55).

Assim, a temática amorosa faz-se intrínseca à poesia que, por vezes, se confunde com o objeto a que é devotado o amor, relação que se confirma no poema “Aos amantes”, o qual, além de expressar o desejo de integração com quem se ama, manifesta que somente no poema essa integração se dá de forma plena:

Aos amantes pertence a espera,  
as horas tardas, minutos de aflição,  
aos seus caprichos tudo se conforma  
num só modelo que os seus lábios têm.

Tudo aos amantes se concede  
num só gesto que os torna indivisíveis  
e, diáfanos, se dão unos e mornos,  
os corpos vivos no conhecimento.

Iguais ao vento são dois amantes  
que a tudo beijam com o fervor da prece  
e pactuam os frêmitos do espasmo  
no leito e nos lençóis que os envolvem.  
(Pontes, 1982, p. 67)

Nesse sentido, concluímos que o lirismo não aparece somente nas temáticas existenciais e amorosas, mas também atravessa o caráter metapoético e, quiçá, se estende aos mais difíceis ou impessoais dos temas como o épico e o protesto social; exemplo disso é o lirismo acurado com que Roberto Pontes trata de um dos assuntos em alta na década de 1960: a conquista espacial. No poema “Clarivalindo”, o poeta compara a conquista do primeiro amor ao desbravamento do espaço e, através de suas



só sensação – sem mais a chama que encanta  
quem o desperta,  
quem a provoca.

Ficou banal  
sexar – com qualquer um;  
ficou patético  
amar - a qualquer um.  
(Lyra, 2006)

Assim, o ato de fazer amor torna-se apenas mais uma forma de consumo e de se consumir. O objeto de desejo perde sua individualidade e passa a ser visto como um produto produzido em larga escala já que o prazer passa a ser obtido em qualquer corpo e não mais em um específico. A abordagem feita por Pedro Lyra é bastante indicativa da sociedade contemporânea, definida por Llosa como a civilização do espetáculo, na qual, dentre outras coisas, impera a categoria do sexo *light*:

O sexo *light* é o sexo sem amor e sem imaginação, o sexo puramente instintivo e animal. Desafoga uma necessidade biológica, mas não enriquece a vida sensível e emocional, nem estreita a relação do casal para além do embate carnal; em vez de livrar o homem ou a mulher da solidão, passado o ato urgente e fugaz do amor físico, devolve-os à solidão com uma sensação de fracasso e frustração. (Vargas Llosa, 2013, p.29-51)

É o que confirmamos também nos versos do poeta:

O Neo-Liberalismo revirou pelo avesso as relações humanas:  
privatizou o de-todos – o que tem de ser de todos;  
publicizou o de-um – o que só pode ser de um.

E estragou tudo  
- até o amor.

Adeus, amor!  
(Inauguramos a Era  
da solidão coletiva.)  
(Lyra, 2006)

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

Assim, o poema de Pedro Lyra demonstra que a poesia pode, sim, servir para denunciar as mazelas sociais. Em “O grande efeito”, por exemplo, o poeta cearense assume uma postura declaradamente anticapitalista e tece sua crítica sem abandonar o lirismo que lhe é inerente e sem se tornar panfletário; de modo que, sua preocupação não são os danos que o Neo-Liberalismo causa à economia, à política ou à cultura, antes, o poeta se preocupa com o que a consolidação de tal sistema econômico causa ao amor e, conseqüentemente, às relações humanas. Pedro Lyra dirige sua crítica ao indivíduo, pois é a partir dele que se forma uma coletividade.

### **Considerações finais**

O percurso por nós traçado teve como objetivo demonstrar que mesmo em meio à diversidade de temas, os poemas de Horácio Dídimo, Linhares Filho, Pedro Lyra e Roberto Pontes estão unidos por aquilo que lhes é inerente: o tônus poético. Do mesmo modo, na abundância de formas e conteúdos abordados pelos poetas do Grupo SIN de Literatura, vemos que há algo que os identifica não só enquanto grupo, mas como partes de uma geração: o *sincrestimo*, vocábulo que indica a presença de vários elementos, mas esses estão de tal modo unificados que se tornam unos. Assim é a poesia da geração 60, e assim é a poética do GRUPO SIN, composta pela simbiose de formas e temas, elaborada com base na multiplicidade com o intuito de alcançar a unidade, processo que pressupõe trocas culturais ocasionadas pela hibridação cultural<sup>4</sup> predominante em nossa sociedade, bem como diversos momentos e graus de polimentos estéticos, isto é, cristalização.

---

<sup>4</sup> Conceito utilizado pela teoria da residualidade para indicar que a sociedade é composta por duas ou mais culturas que estão em constante processo de mutação, ora absorvendo, ora excluindo elementos de cada uma destas culturas, de modo a gerar uma outra cultura, que não é mais ‘pura’, e sim, híbrida.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. Introdução: sobre a vida num mundo líquido-moderno. In: \_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- DÍDIMO, Horácio. *A palavra e a Palavra*. 3ªed. Fortaleza: Editora UFC, 2002.
- HELENA, Lúcia. “Sutil tecido de sal e concha”. In: PONTES, Roberto. (Org.). *Revista de Letras*, vol.15, n.1/8, jan.1990/dez.1993. Fortaleza: Edições UFC, 1990/1993.
- HOLANDA, Heloísa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Panorama histórico-cultural. In: \_\_\_\_\_. *Poesia jovem (anos 70)*. São Paulo: Nova Cultural, 1982.
- LINHARES FILHO, José. *Sumos do tempo*. Fortaleza: SIN Edições, 1968.
- LYRA, Pedro. *Sincretismo: a poesia da geração 60 - introdução e antologia*. Organização Pedro Lyra. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- LYRA, Pedro. O grande efeito. In: \_\_\_\_\_. *Argumento – Poemythos globais*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2006.
- MINISINANTOLOGIA. Fortaleza, 24 de novembro de 1967.
- MINISINANTOLOGIA 2. Fortaleza, 13 de março de 1968.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A modernidade em ruínas. In: \_\_\_\_\_. *Altas literaturas: escolha e valor na obra de escritores modernos*. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PLATÃO. O banquete. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos: O banquete; Mênon (ou da virtude); Timeu; Crítias*. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2010.
- PONTES, Roberto. *Memória Corporal*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Fortaleza: Secretaria de Educação e Cultura do Município de Fortaleza, 1982.
- PONTES, Roberto; MOREIRA, Rubenita Alves. *Reflexões sobre a Teoria da Residualidade: Entrevista concedida a Rubenita Alves Moreira pelo teórico Roberto Pontes*. (Realizada em 05/06/2006 e 14/06/2006, lida na “Jornada na Residualidade ao Alcance de Todos” ocorrida em 13/07/2006 na Universidade Federal do Ceará.) **In:** MOREIRA, R. A. *Escritos Residuais: textos baseados na teoria da residualidade de Roberto Pontes*. Fortaleza: Gráfica e Editora IMPRECE, 2022, p. 15-31.